

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

CONFERÊNCIA. A LEITURA, A EDUCAÇÃO CÍVICA E A HISTÓRIA NA ESCOLA PRIMÁRIA.

LIMA, Augusto César Pires de

Ano: 1931 | Número: 41

Como citar este documento:

LIMA, Augusto César Pires de, Conferência. A leitura, a educação cívica e a história na Escola Primária. *Revista de Guimarães*, 41 (3) Jul.-Set. 1931, p. 134-144.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

A Leitura, a Educação cívica e a História na Escola Primária

(Continuado de página 29)

Sobre o assunto escreveu Adolfo Coelho, o autor dos «Jogos e Rimas Infantis» e dos «Contos para a Infância» :

« Os contos tradicionais são uma forma simples, primitiva e espontânea da arte... Os contos e rimas infantis parecem ser como o leite materno, que nenhuma preparação, por mais adiantada que esteja a ciência, pode igualar » ⁽¹⁾.

Outro grande mestre, o Dr. Leite de Vasconcelos, resumiu admiravelmente o assunto num belo artigo ⁽²⁾:

« Fará uma excelente obra o mestre-escola que seleccionasse esse pecúlio, o regule e complete, applicando-o ao desenvolvimento psíquico e físico dos seus alunos, que ao mesmo tempo aí encontrarão grande prazer: esperta-se a atenção e o acume intelectual com a proposta de adivinhas; promove-se o gosto literário com a recitação de cantigas, que às vezes são admiráveis de beleza; abre-se a memória e activa-se a imaginação com a aprendizagem de romances e contos; acalenta-se o senso moral com o enunciado de provérbios, que constituem, como se diz vulgarmente, a sabedoria das nações; numa palavra fortalece-se a musculatura e excita-se a destreza com jogos, como o da bola e o da barra (o antigo) bem preferíveis a alguns que nos chegaram recentemente da Inglaterra. »

⁽¹⁾ Obra cit., págs. 59 e 65.

⁽²⁾ A importância da Etnografia — *Revista Lusitana*, vol. XXII, pág. 12.

Seja-me permitido lembrar com saudade o jôgo da *choca*, que muitas vezes me entreteve na minha infância.

Imagine-se o meu espanto quando o vi citado pelos nossos antigos cronistas como desporto para adultos, que nos jogos e na montaria tinham a sua escola de educação física e moral, como já salientara D. João I:

«E porém assacaram os antigos jogos que conviessem a estas duas cousas, a recrear e entender, e outrossi que os usos das armas não se perdem, e cataram jogos, que a cada uma destas cousas cumprisse, e pertencem a ambas juntas» ⁽¹⁾.

*

Passando à história, não nos é difícil provar como seria útil substituir os compêndios secos, que nada dizem ao coração das crianças, por livros de leitura, onde as biografias movimentadas dos nossos heróis, onde os acontecimentos fôsseem relatados de um modo dramático e conciso.

E' lamentável que uma história, linda como a nossa, se veja resumida muitas vezes em algumas dezenas de páginas de papel de embrulho, manchadas por uma série de datas, célebres sem dúvida; de nomes, notáveis é certo, mas que nem sequer podem ser fixados de um modo definitivo, por falta de auxilio de alguns alicerces em que se estribem.

Reagindo contra a corrente, procurei elaborar as «Leituras Históricas» para a instrução secundária (primeira e segunda classe), simpáticas como uma tentativa que reputo honesta, e onde consegui, segundo creio, pôr ao alcance das crianças alguns quadrosinhos maravilhosos, arrancados à obra de um dos maiores prosadores de todos os tempos «Fernâm Lopes», e até às crônicas de Azurara, cheias também de episódios dramáticos, aproveitáveis depois de depurados dos excessos de linguagem retórica em que se acham envolvidos.

Vou ler, como demonstração, um trecho de Fernão Lopes, pôsto em linguagem moderna.

⁽¹⁾ O *Livro da Montaria*, cap. II, pág. 8 (Coimbra, 1918).

A Batalha dos Atoleiros

«A hoste era uma frotaleza palpitante.

«Dentro dela, Nun'Álvares, a-cavalo na sua mula, com gesto alegre, ia aconselhando:

«— Amigos, lembrai-vos de quatro cousas: a primeira encomendar-vos a Deus e à Virgem; a segunda, que estamos aqui para servir o Mestre e ganhar honra; a terceira, que nos defendemos a nós, a nossas casas, à terra em que nascemos; a quarta, finalmente, — paciência, coragem: é ter na idea — pelear, não uma hora, mas um dia... o que fôr necessário.

«Vendo todos a postos, ajoelhou, beijando a terra.

«Tôda a hoste, de joelhos, com as mãos erguidas, rezava perante a bandeira desfraldada.

«Ao longe ouvia-se já o tropear dos castelhanos.

«Nun'Álvares pôs-se de pé, tomou a lança das mãos do pagem, e, com firmeza, disse:

«— Amigos, nenhum duvide de mim. Deus ajudará a todos os que me ajudarem e Deus vos tomará conta da minha morte, se eu aqui morrer por vossa culpa.

«Na charneca reboou o grito de — Castela! Santiago! — solto por quatro ou cinco mil bôcas.

«Ao grito dos castelhanos responderam os portugueses: — Portugal! S. Jorge!

«E os cavaleiros inimigos caíram sôbre os nossos, certos de que a vitória seria fácil.

«Mas os cavalos, feridos pelas lanças, inclinadas para os receber, pelos dardos que os bêsteiros despediam, empinavam-se, derribando os inimigos.

«Vendo o destrôço, Nun'Álvares correu em perseguição dos castelhanos, que fugiram em debandada, sem se atreverem a voltar à carga» ⁽¹⁾.

Parece-me que uma lição destas valerá mais do que a leitura de alguns trechos, meus conhecidos, onde se exalta a Pátria em termos absurdos:

⁽¹⁾ Oliveira Martins, *A Vida de Nun'Álvares*, Fernão Lopes, *Crónica de D. João I*, 1.^a parte, *Crónica do Condestável*.

«Sabeis qual é a vossa Pátria?

«Sabei-lo com certeza, pois que tantas vezes o temos repetido.

«Não é a aldeia, não é a cidade em que nascestes.

«¡E' Portugal, o belo e glorioso Portugal!»

¡O pedantismo que estas palavras revelam! ¡E, depois, pese-se aquela idea infeliz de que a Pátria não é a nossa aldeia, como se não fôsse o meio mais simples de incutir o amor da Pátria partir do amor da familia, do amor pelo cantinho onde nascemos!

Era assim que falava Nun'Álvares e os homens dos Atoleiros compreenderam-no.

Assim falou D. Afonso IV também, antes da batalha do Salado, segundo o cronista anónimo do *Livro de Linhagens*:

«Meus naturais e meus vassallos, olhai para êsses montes cobertos de mouros, que vos querem ganhar a Espanha.

«Ponde em vossos corações usar como usaram aqueles donde vindes, para que não percais as vossas mulheres, nem os vossos filhos, e a terra em que hão-de viver aqueles que depois de vós vierem; os que aqui se baterem serão nomeados para sempre.»

•

Quero apresentar mais um exemplo dessa literatura horrível que para aí se alardeia a corromper o gôsto.

Tem a forma dialogada:

«... A nossa terra quer dizer o nosso país. E todos os homens têm o seu.

«— A qual pertencemos nós? — interrogou Luís.

«— A Portugal. Somos portugueses.

«— E se eu não quisesse?

«— Queiras ou não, és português. E cada país tem um governo e um exército, contribuindo o povo dêsse país para a sua prosperidade.

«— Porquê? E' obrigado?

«— E'. E, se o não fôsse, *era a mesma coisa*, porque todos têm obrigação de amar a sua Pátria».

Ao contrário do primeiro autor, jêste ainda duvida de que um aluno da 3.^a classe conheça o nome do País onde nasceu!

Mas a falta de naturalidade do diálogo emparceira bem com o enjoativo trocadilho de que temos obrigação de amar a nossa Pátria, jmesmo que não sejamos obrigados a concorrer para a prosperidade dela!

*

Os louvores em honra do nosso lar, da nossa terra, devem calar bem numa cidade como Guimarães, aferrada sempre às suas tradições.

Eu não posso esquecer aqui um exemplo raro de reconhecimento, de respeito pela própria honra, e de coragem, mantido em Guimarães, há longos anos, através de tôdas as contingências da política.

A *viradeira*, de que nos fala Nicolau Tolentino numa das suas sátiras ⁽¹⁾, é uma instituição nacional, bem nacional desgraçadamente.

Basta citar o caso de D. Pedro, Duque de Coimbra, abandonado por quási todos os amigos nos dias de provação; basta observar a diligência que muitos põem na jornada para o Sol que se levanta...

*

João Franco voltou um dia as suas atenções para Guimarães.

E aquele beirão rude, mas sincero, aquele português de rija têmpera, que tantos serviços prestou à instrução, nunca mais desapareceu da memória dos vimaranenses, mesmo depois de caído, mesmo quando exilado.

jDobados uns lustros, séculos na memória embotada dos homens, João Franco passou desta vida, mas o seu nome ainda está bem vivo aqui; ainda é recordado todos os anos!

⁽¹⁾ A *Quixotada*.

¡Bela lição de coerência e de carácter!

... Guimarães conserva algumas gotas de sangue do Conde de Avranches...

Como auxiliar da leitura, bem orientada, seria utilíssimo o recurso às fitas cinematográficas.

E vem aqui a propósito um apêlo ao Estado para a organização dessas fitas, que poderiam gravar para sempre no espírito dos alunos as scenas principais da nossa história.

Ficaria caríssimo um trabalho honesto, mas seria compensador pelos resultados práticos que havia de trazer à cultura, ao levantamento do espírito patriótico, à propaganda do nome português nos países estrangeiros.

Imagem, por exemplo, uma série de quadros sobre a conquista de Ceuta, acontecimento de consequências decisivas para a nossa história e até para a história da humanidade:

PRIMEIRA PARTE

D. Filipa de Lencastre, doente, apenas pedia a Deus que a deixasse viver até ao tempo da partida da armada.

O seu maior cuidado era perguntar se estariam já prontas as espadas que mandara fazer para os filhos.

Quando lhas trouxeram, mirou-as com amor, e mandou estendê-las sobre o leito, a seu lado.

Eram três lâminas preciosas, com os punhos guarnecidos de ouro, pedras preciosas e aljófares.

E de pé, os filhos, suspensos, esperavam.

A um gesto da mãe, ajoelharam, e, então, ela, erguendo-se com um ar de morta, deu a D. Duarte uma espada, recomendando-lhe que fôsse um Rei justo; a D. Pedro outra, exortando-o à honra e cavalaria, em defesa das donas e donzelas; a D. Henrique a terceira, lembrando-lhe o amor da fidalguia.

A Infanta, no meio das aias, soluçava.

Depois, a Rainha fechou os olhos, e ficou imóvel. Entreabrindo-os, disse para os filhos:

- Que vento corre?
- Aguião ⁽¹⁾.
- Bom seria para a vossa viagem...

Eu esperava assistir à façanha...

- Vê-la heis...
- Sim... lá do alto a verei...

A minha morte não vos estorvará a partida...

Quando viu chegados os últimos momentos, mandou chamar os clérigos, que lhe rezaram o officio dos mortos.

Acabada a última oração, a Rainha compôs o seu corpo, levantou os olhos ao céu, e expirou.

SEGUNDA PARTE

Vestidos de luto, os Infantes partiram para o Restelo.

Todos trajavam burel, e os navios, com os mastros nus, pareciam uma mata de árvores desfolhadas pelo açoite duro de algum temporal.

No dia seguinte El-Rei ordenou que largassem todos o luto, e se vestissem de festa. D. Henrique mandou embandeirar a sua galé, e que tocassem a pulmões cheios as trombetas de guerra.

Na quarta-feira de manhã, 23 de Junho de 1415, largaram os navios, das amarrações, e foram descendo rio abaixo, empavesados, de panos soltos, cortando a água com os golpes dos remos e os ares com os braços abertos das vêrgas.

O trombetear ensurdecia. Lisboa infeira despovoara-se. Os muros da cidade estavam coalhados de povo, que levantava as mãos ao céu, pedindo a Deus vitória.

TERCEIRA PARTE

A 21 de Agôsto de 1415, estando a frota diante de Ceuta, fizeram-se os preparativos para o desembarque.

(1) Vento norte.

Ao romper da manhã D. João meteu-se numa galeota e andou por entre os navios a dar ordens aos capitães.

Os mouros andavam já pela praia, desafiando os portugueses.

O Infante D. Henrique mandou que as trombetas dessem o sinal de saída, e, metendo-se num batel, chegou rapidamente a terra, onde se envolveu logo em luta com os mouros.

Ao mesmo tempo, D. Duarte, aproveitando o momento em que o pai visitava a frota, saiu da galé, e dirigiu-se para o desembarcadouro em que saíra D. Henrique.

Os mouros, acossados, meteram-se pela porta da cidade, e os nossos entraram com eles.

Vendo em perigo os bens, a casa e a família, os mouros multiplicavam os esforços, voltando constantemente ao combate.

João Afonso, que incitara à conquista de Ceuta, ao saber na praia que a cidade era entrada, correu aonde estavam os Infantes, e disse-lhes:

— ¡Honradas festas para o dia da vossa cavalaria!...

QUARTA PARTE

Dirigia-se D. Henrique para o castelo, seguindo por uma rua estreita. Nisto passam por ele uns quinhentos cristãos, que fugiam perante um ataque impetuoso dos mouros.

Vendo-os, o Infante cerrou a cara do bacinete, abraçou o escudo, e acometeu os inimigos com tal sanha, que eles debandaram em desordem.

Espalhou-se a voz de que o Infante era morto. Chegou a nova aos ouvidos do Rei, que, sem alterar em nada a expressão do rosto, disse:

— E' este o fruto que costumam colhêr aqueles que pelejam...

Dentro em pouco os mouros abandonavam o castelo.

Por ordem de El-Rei, João Vaz de Almada foi arvorar a bandeira da cidade de Lisboa, na torre mais alta.

QUINTA E ÚLTIMA PARTE

Armou-se na mesquita maior, depois de benzida pelos clérigos, um altar para a cerimónia da missa.

Ali se juntaram El-Rei com os seus filhos, o Condestável, o Mestre de Cristo e o Prior do Hospital, com os outros grandes senhores, todos vestidos ricamente.

Acabada a missa, os Infantes foram armar-se.

Formou-se um cortejo: à frente vinham muitas trombetas e charamelas.

Seguiam-se os Infantes com os seus arneses muito limpos e guarnecidos, tendo à cinta as espadas que D. Filipa lhes dera.

Logo que chegaram diante do Rei, D. Duarte pôs-se de joelhos, tirou a espada da bainha, e beijou-a, passando-a para as mãos de D. João, que com ela o armou cavaleiro.

A mesma cerimónia se repetiu com D. Pedro e D. Henrique.

*

Para esboçarmos êsses cinco quadrosinhos, maravilhosos de movimento e de simplicidade, que parecem arrancados a um romance de cavalaria — o que não admira, pois cavaleiros andantes eram os homens da côrte do Mestre de Avis — arrimamo-nos a boas árvores: Gomes Eanes de Azurara, Mateus de Pisano e Oliveira Martins.

A tarefa sugerida aqui era relativamente fácil, pois elementos preciosísimos topamos constantemente nos nossos prosadores dos séculos XV e XVI, e pedras preciosas para a obra nos fornecem as ruínas das muralhas que no norte da Africa testemunham bem alto a acção dos portugueses.

Seguindo Fernão Lopes, na *Crónica de D. Pedro*, podemos desprezar os feitos

«compostos, os quais alguns autores, abastados de eloquência e florescentes em bons ditos, ordenaram, segundo lhes aprouve... aproveitando apenas os casos que se contam e lêem nas histórias, fundados sôbre a verdade.»

As façanhas verdadeiras dos nossos antepassados
são tão grandes que

•Excedem as sonhadas, fabulosas (1).•

!Tivéssemos nós arte e recursos que nos permitissem
evocar as cenas reais, onde foram actores os nossos avós,
diante dos olhos deslumbrados dos nossos filhos!

•

E' um lugar comum dizer-se que a Grande Guerra modificou as leis que regulavam as relações entre os homens, provocando a erupção de novas ideias sôbre a moralidade.

No meu fraco entender, a guerra não modificou cousa nenhuma; trouxe apenas à supuração uns antigos tumores de mau carácter.

Se fôsem sólidas as bases em que assentava a educação das diferentes classes, estas passariam incólumes através das crises mais agudas, não se deixando corromper, nem arrastar pelo mais feroz dos egoísmos.

Homens corruptos, houve-os em todos os tempos, nas épocas mais tenebrosas da nossa história, como nas épocas de maior esplendor.

As peias que refreavam os maus sentimentos eram, porém, mais apertadas hoje, mais lassas amanhã, e daí o bem-estar social ou a anarquia.

¿Qual deve, portanto, ser o papel de todos nós, os educadores? Actuar no espírito das crianças pelo exemplo, pela palavra, pela leitura, de modo que a boa semente possa germinar sem esforço, sem violências.

E os frutos hão-de colher-se quando uma nova crise surgir.

Todos sentimos dentro de nós uma luta tremenda entre as boas e as más inclinações, entre o espírito das trevas e o Anjo da Guarda, semelhante àquela que Gil Vicente, o nosso maior poeta dramático, figurou no *Auto da Alma*, essa obra maravilhosa de delicadeza e de análise profunda.

Pois bem:

Os elementos lançados no terreno, as forças transmi-

(1) *Lusiadas*, canto I, est. XI.

tidas aos espiritos juvenis, devem ser de molde a permitir que, em caso de luta, as virtudes levem de vencida os vícios e o espirito do bem possa cantar vitória.

Terminarei as minhas divagações, imitando o hino de Amicis em honra da Itália, e que não destoará nos lábios dos pequeninos que me estão ouvindo:

•Eu amo Portugal porque meus pais são portugueses; porque o sangue que me corre nas veias é português; porque é portuguesa a terra onde estão sepultados os mortos cuja memória é sagrada para mim; porque as pedras dos monumentos da minha terra foram testemunhas dos feitos de D. Afonso Henriques; porque a ela veio o Mestre de Avis em romaria de agradecimento a Nossa Senhora da Oliveira após a vitória de Aljubarrota; porque nesta terra viveu Martins Sarmento e porque nela se ergue a Sociedade benemérita que tem o seu nome; porque a terra onde nasci, a língua que falo, os livros que me instruem e educam, os meus irmãos, os meus companheiros, o grande povo no meio do qual eu vivo, a paisagem admirável que me cerca, tudo enfim que vejo, amo e admiro, é português. •